



O pensamento humano

O actual momento reveste uma extraordinária importância. Os povos agitam-se num intenso nervosismo, cujas causas, bem remotas por sinal, teriam infelizmente de produzir o fenómeno constatado.

Está-se atravessando um ciclo de profundas transformações na história da humanidade, sacrificada a todas as épocas e civilizações.

As alterações já verificadas e as que se vislumbram através dos acontecimentos em ebulição, são a consequência directa dum sem número de factores que nem todos, infelizmente, têm o cuidado de observar e daí a gravidade da situação, que poderia ter uma era de continuidade normal, sem sobresalto de maior.

Essas agitações, que todos conhecem mas poucos compreendem, só aparentemente apresentam características diferentes. As causas são no entanto idênticas e as aspirações consubstancialmente na mesma direcção. O que unicamente poderá existir é uma visão menos clara duns povos em relação aos restantes.

A conceção desses fenómenos é que poderá, para alguns, ser um tanto dificultada e o seu atraço mental, relativamente a uma educação baseada na alta missão de esclarecimento da verdade e não propaganda de subterfúgios e preconceitos inaceitáveis, é que poderá ofuscar o íntimo dessas lutas, mergulhadas no mesmo sofrimento, na mesma dor e martírio de milhões de entes, em holocausto a uma desigualdade só concebível em cérebros verdadeiramente egoístas.

Mas quem poderá negar ou evitar estes grandes períodos transformadores?

Desde o império romano aos nossos dias, quantas épocas se não têm atravessado sempre num sentido progressivo que nenhum poder, por mais forte, tem conseguido sustentar?

Conquanto lentamente, as ideias dos povos vão sofrendo intermitentes modificações e quem tiver investigado a sua origem, acompanhando-a através dos tempos, pode dizer se é possível desvendar a volumosa corrente dum rio que virá a desaguar num vasto oceano, onde todos possam navegar sem prejuízo de se aniquilarem mutuamente.

Contudo, as mudanças positivas, não são as que nos apresentam os acontecimentos mais ou menos violentos que estão envolvendo o mundo. Eles são, sim, o produto de outras mudanças mais radicais, que se efectuam insensivelmente no espírito das massas, renovando costumes, ideias, crenças e lhes formam novos conceitos. São modificações invisíveis, mas que geram

todas as manifestações sugestivas.

A hereditariedade tem grande poder transmissor, mas nunca poderá vencer, porque nada é absoluto. Ela será talvez a principal causadora da lentidão com que as coisas correm, mas nunca poderá evitar de todo o seu andamento. Na vida tudo se transforma, nada é eterno.

E, neste caso, essas transformações tenderão sempre ao mais benéfico, como a ciência em todos os seus aspectos nos tem trazido melhor situação.

A época que passa ficará, pois, assinalada pela extensão desses progressos, em que o pensamento humano actua grandemente. As descobertas científicas muito têm corrido para essas transformações e é ainda por não existir uma elucidação clara das fórmulas a adoptar na vida futura das sociedades, que nós assistimos às oscilações que parecem demonstrar diferentes desejos nos actos desses mesmos povos, por uma questão de psicologia especial.

Há um fenômeno — o principal — a que se não tem atendido e daí resulta a falsa noção sobre os problemas em equação. É o desejo da massa. Hoje, a vontade das multidões já pesa na balança social; outrora, este poder estava restrito a uma parte dos Estados, quer da parte dos patrões, as decisões votadas são letra morta. As questões do trabalho não são unilaterais. O operário vê-as através das suas reivindicações, das suas aspirações; o capitalista através dos seus interesses e o Estado, o Estado organismo adaptado ao sistema capitalista, encara-as sob o ponto de vista de ordem pública e de conservação social.

E é da intervenção natural, directa e humana das multidões que surgem todos os conflitos, ultimamente levados a um estado de extrema acuidade.

Tudo quanto, porém, se tem realizado, é criação do pensamento que coisa alguma poderá deter, nos seus formidáveis avanços, no sentido do bem da colectividade.

Dessa efervescência, terá pois de sair uma nova conceção sobre os vários problemas que afectam a vida humana.

Quem tiver a previsão necessária e o poder de canalizar os acontecimentos ao seu verdadeiro objectivo, terá patenteado uma clara visão das coisas, acompanhando a evolução e procurando a ação indispensável a todos os grandes cometimentos.

O que assim procederão terão provado maior capacidade e inteligência. Aqueles que, pelo contrário, pretendam, numa obstinação e doentia preocupação, evitar o inevitável, sómente alimentarão esperanças vãs e provocarão maiores conflitos ainda, onde o sangue quente e generoso dos povos continuará correndo sempre, sacrificado à causa da Liberdade, sua grandiosa, sublime e única aspiração.

AS CASAS DE "PREÇO"

A criminosa ofensiva dos prestamistas contra uma legião de desgraçados

Foi, finalmente, publicado o diploma que vem entrar a desenfreada ganância dos prestamistas.

Moveram-se altas diligências para conseguir que tal decreto não fosse para a folha oficial. Os prestamistas, por todo o preço, publicavam longos arraiaos nos grandes colossos (e alguns deles importados em mais de mil e quinhentos escudos) para tentarem demonstrar que eram umas excelentes pessoas e que, com sacrifício até, mantinham aquele género de negócio.

Mas *A Batalha*, cuidando dos interesses dos desgraçados que têm necessidade de recorrer áqueles agiotas, diariamente demonstrava que aquelas lamenras eram lágrimas de crocodilo e que elas pretendiam continuar a desenfreada especulação que a elas recorriam, em horas bem amargas e dolorosas.

Mas agora, depois do decreto ser um facto, elas pretendem ainda modificá-lo. Assim, dirigiram uma representação ao ministro das Finanças, pedindo-lhe para sustar o regulamento publicado até 31 de Dezembro (queriam ainda mais seis meses de especulação e fraude) e que fosse modificada a taxa de 2 e 3%, para 4 e 5%.

Ao mesmo tempo fazem anunciar nos jornais que vão suspender as transacções e ameaçam os desgraçados mutuários que, se não forem resgatar os seus haveres em determinada data, serão eles leiloados em processo sumário.

Esquecem-se esses cavalheiros que têm sido os mutuários que lhes têm tornado possível uma vida de prazer e comodidade extrema.

Mas, ao mesmo tempo que publicam essas ameaças anunciam também em outras localidades de jornais que compram por alto preço cauteis de penhoros.

Não se percebe, afinal, se pretendem ou não terminar com o pobre negócio.

Agora mesmo, na precária situação dos seus negócios, é curioso observar como decorrem os leilões.

Os prestamistas, em todos os leilões que promovem, costumam encarregar uns "cabeças de pau", que tanto podem ser homens ou mulheres, para cobrirem os

objectos que desejam que voltem à sua posse.

O caso está em que o lance oferecido não oferece margem suficiente à sua desmedida ganância.

E' que o prestamista tem em geral levava uma vida de novos ricos.

Em quanto que aos seus antros acorre uma legião de desgraçados a trocar os seus haveres de maior valor e quantas vezes também de absoluta utilidade caseira, por uns magros escudos, eles, os usurários mantêm as suas mulheres rodeadas de todo o conforto e luxo, repartindo por elas e pelas amantes, os lucros exagerados do seu rendoso negócio.

Mas, a vida desses cavalheiros tem muito que contar e, portanto, reservemos para amanhã novas nuances do seu malfadado mister.

A arte e os artistas

Nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes reúnem-se hoje, pelas 21 horas, os artistas que concorrem à proxima exposição anual, para eleição dos seus representantes junto do júri de admissão e classificação de trabalhos.

Exposição de avicultura

Realiza-se brevemente, na Tapada da Ajuda, a Exposição de Avicultura Portuguesa, devendo concorrer a elas alguns dos nossos criadores de galinhas, pombos e coelhos e amadores franceses desses animais e das principais casas de especialidade desse país.

Serviço de comboios entre Louzã e Coimbra

Encontra-se restabelecido o serviço de comboios entre Louzã e Coimbra, que desde há dias estava interrompido em consequência de se ter dado naquele ponto o desabamento de uma trincheira.

A REUNIÃO DE GENEBA

Os organismos operários portugueses perante a próxima Conferência Internacional do Trabalho

Vai realizar-se brevemente, em Genebra, a Conferência Internacional do Trabalho. Promove-a o Bureau Internacional do Trabalho que é uma dependência da Sociedade das Nações.

O Bureau Internacional do Trabalho não pode exercer nos destinos operários a menor influência com a sua pretensão estúpida, e desmentida pelos factos, de resolver por acordos internacionais as questões do trabalho.

Estamos a dois passos da Conferência Internacional do Trabalho e ainda não vimos uma só das associações patronais preocupear-se em analisar os assuntos que nela serão tratados.

Porque o não fazem? Por antipatia para com o Bureau? Evidentemente que não, visto que até agora não foram direcamente afectados nos seus interesses e ainda por reconhecerem que esse organismo nem nenhuma influência exerce na sua vida.

Os patrões sabem, e muito bem, que as questões do trabalho sempre se trataram directamente entre eles e os trabalhadores e dentro do campo económico. Daí o seu desinteresse.

As classes trabalhadoras sabem muito bem qual é o seu lugar — deles não querem afastar-se. A sua actividade exerce-se nas fábricas e oficinas e as suas reivindicações tratam-se nos seus sindicatos. Nas fábricas e oficinas não são os patrões que fazem o trabalho que eles executam nem que auferem o salário que em troca recebem. Nos sindicatos só se encontram operários, nem de resto fazia sentido que deles fizessem parte os patrões, visto que estes não podiam formular a si mesmos reclamações sobre horário de trabalho ou sobre aumento de salários. Daí o temor dos operários e os patrões associados direitos.

O Bureau Internacional do Trabalho é, nitidamente, um organismo de colaboracionismo, completamente destituído de eficácia e sem grande importância social, visto que nem os patrões, nem os Estados, da sua maioria, respeitam as suas decisões.

Onde vigoram as 8 horas de trabalho? Apenas nos países e nas profissões em que os operários souberam conquistá-las. E nos restantes problemas debatidos nas Conferências do Bureau verifica-se que, quer da parte dos Estados, quer da parte dos patrões, as decisões votadas são letra morta.

As questões do trabalho não são unilaterais. O operário vê-as através das suas reivindicações, das suas aspirações; o capitalista através dos seus interesses e o Estado, o Estado organismo adaptado ao sistema capitalista, encara-as sob o ponto de vista de ordem pública e de conservação social.

O capitalista pretende que o produtor trabalhe o maior número de horas pelo menor salário, considerando que quanto mais baixa for a mão-de-obra maior será o seu lucro. Para ele, o operário é uma máquina e o seu ideal consiste em conseguir que as máquinas produzam o máximo e lhe saiam o mais barato possível. Para o operário as questões de trabalho têm um aspecto bem diferente e menos restrito. O trabalho considera-no a primeira potência criadora do homem e entende que ele não deve ser organizado para mero benefício dum casta, mas sim orientado no sentido do

desenvolvimento das suas capacidades e de sua personalidade.

Podemos, pois, afirmar com segurança que os organismos operários se recusarão a colaborar na Conferência Internacional do Trabalho. Afirmamo-lo pela atitude que eles têm assumido em face de reuniões anteriores da mesma natureza e ainda porque se produziu nenhum acontecimento suscetível de modificar a sua orientação, há muitos anos firmemente definida.

A Conferência Internacional do Trabalho nem sequer tem o mérito da surpresa.

Sabe-se de antemão que os operários votarão pelos operários, os patrões pelos patrões e o Estado, cosido pela força das circunstâncias e, portanto, pelo papel social que desempenha e constitui a razão principal da sua existência, votarão pelos patrões. Resultado: dois votos contra os operários e um a favor, votos verbais sem eficácia e sem influência.

Pode-se, pois, afirmar com segurança que os organismos operários se recusarão a colaborar na Conferência Internacional do Trabalho. Afirmamo-lo pela atitude que eles têm assumido em face de reuniões anteriores da mesma natureza e ainda porque se produziu nenhum acontecimento suscetível de modificar a sua orientação, há muitos anos firmemente definida.

A Conferência Internacional do Trabalho é, nitidamente, um organismo de colaboracionismo, completamente destituído de eficácia e sem grande importância social, visto que nem os patrões, nem os Estados, da sua maioria, respeitam as suas decisões.

Onde vigoram as 8 horas de trabalho? Apenas nos países e nas profissões em que os operários souberam conquistá-las. E nos restantes problemas debatidos nas Conferências do Bureau verifica-se que, quer da parte dos Estados, quer da parte dos patrões, as decisões votadas são letra morta.

As questões do trabalho não são unilaterais. O operário vê-as através das suas reivindicações, das suas aspirações; o capitalista através dos seus interesses e o Estado, o Estado organismo adaptado ao sistema capitalista, encara-as sob o ponto de vista de ordem pública e de conservação social.

O capitalista pretende que o produtor trabalhe o maior número de horas pelo menor salário, considerando que quanto mais baixa for a mão-de-obra maior será o seu lucro. Para ele, o operário é uma máquina e o seu ideal consiste em conseguir que as máquinas produzam o máximo e lhe saiam o mais barato possível. Para o operário as questões de trabalho têm um aspecto bem diferente e menos restrito. O trabalho considera-no a primeira potência criadora do homem e entende que ele não deve ser organizado para mero benefício dum casta, mas sim orientado no sentido do

desenvolvimento das suas capacidades e de sua personalidade.

Não podíamos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podíamos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podíamos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podíamos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de inultrapassável lealdade.

Não podímos, a primeira vez que aparecemos em público, esquecer-nos dessa atitude digna dos maiores encónicos, pelo que manifestamos a esses dois jornais, pelo que o gesto daqueles dois jornais merece ser considerado como uma admirável lição de nobre coragem e de in

O OPERARIADO NAS COLONIAS

O estado moral dos sindicatos em Loanda

Loanda, fevereiro. — Entrevisitei dois elementos da organização operária, supondo que assim poderia oferecer um aspecto flagrante do estado em que se encontra a classe operária nesta cidade.

Viriato Rosa é um dos velhos combatentes pela causa sindical, encontrando-se retido em casa com um leve achaque. Esta é um pouco acalmo, mas a fé e o ânimo ainda não esmorecem e é com as lágrimas nos olhos que nos fala no Sindicato Misto Operário de Loanda, na *Batalha* e no esforço dispendido para levar a cabo tão nobre missão.

Compara ele o sindicato com uma criança débil para sim todos os cuidados são poucos para a livrar das doenças da adolescência, que a mais leve pode fazer sucumbir.

Fala-nos das contrariedades que surgem, e do comodismo que os europeus em África pretendem em assuntos desta natureza, lamenta que, numa terra em que há tantos milhares de almas subjugadas ao capitalismo, elas se não unam na defesa dos seus interesses como seria para desejar.

Todos clamam e barafustam, todos são capazes de exigir que a agremiação apresente trabalhos de valor, mas também quando todos querem que os não incomodem quando se trata de chamar homens aptos para dirigir a colectividade.

Falamos ao nosso amigo nos estatutos do sindicato.

Ainda não conseguimos que nos aprovavam, foi-nos respondido. Como pretexto deu-se a admissão de nativos dentro da colectividade, mas o que parece que é certo é haver uma má vontade da parte do Governo da Província. De resto a admissão de nativos está dentro da legislação da Província que recouchece aos nativos que tenham hábitos de europeus o fôro de cidadãos e portanto se não podem tirar as regalias que como tal lhes cabem num regime de liberdade como o actual.

"Mas como as coisas são como são e não deviam ser é natural que tenhamos de fazer um artigo mais para excluir a admissão de nativos no sindicato, para que eles não adquiram as ideias avançadas quanto tenhamos de dar senhoria ao nosso cozinheiro que veste tanga, sob pena de termos de ir confraternizar com o Administrador Diegues como indisciplinadores.

E depois de umas horas de cavaco diz-nos o camarada Rosa, despedindo-nos:

— Meu amigo, é preciso muito esforço para se trabalhar em África na defesa dos nossos interesses e devem sempre contar com a resistência passiva de toda a gente enquanto não for bem compreendida a nossa missão.

A fim de nos informarmos exactamente dos trabalhos iniciados pela Associação de

A emancipação da mulher

E' interessante que em geral, quando se fala nessa importante questão quase tóda a gente se manifesta, como se a mulher, desde que nasce até que morre, tenha sempre filhos para amamentar, e sempre um marido que a sustente.

Parecem, pois, ignorar a existência de viúvas sem recursos, de raparigas solteiras cujos pais por falta de saúde ou insuficiência de salário não as podem manter, de mulheres casadas com os filhos já criados, ou que nunca os tiveram, e que as circunstâncias obrigam, por doença dos maridos, ou por abandono deles, a empregar-se em qualquer parte, etc.

Em nada disto, em geral, se repara, fingindo-se não notar que a mulher veste e come durante tóda a sua vida, e que só durante um certo período dela é que chega, algumas vezes a ter filhos, e que também nem sempre tem um homem que a possa sustentar.

Esse facto comprova que há, no geral, má-fé ou um erro de visão da parte daqueles que mostram preocupar-se com a situação da mulher, e é por isso que quase todos eles sentenciam "acâmicamente" que a mulher nasceu para cuidar da casa e dos filhos, e é, portanto, a esta tarefa que se deve unicamente dedicar.

Nós, porém, partindo do princípio de que a mulher não deve simplesmente limitar-se à função da reprodução, a qual na verdade muitas vezes, por diversas razões, não chega a desempenhar, mas que também precisa "viver", reconhecemos-lhe o pleno e indiscutível direito de exercer a sua actividade onde melhor o entenda, escolhendo a sua própria aquilo que achar mais convenientemente para as suas forças e para o seu temperamento, sem precisar que o homem lhe esteja a indicar "generosamente" que este ou aquele trabalho lhe é demasiadamente pesado ou não lhe está adaptado. Ela é que se sente, e, portanto, é ela quem deve tomar todas as resoluções neste sentido.

Mesmo à propria mulher que tenta mando e filhos pequeninos deve ser reconhecido o pleno direito de se empregar onde melhor entenda, porque uma mãe que deixa durante o dia crianças sem os seus cuidados e carinhos para ir trabalhar fora, é porque realmente tem necessidade de ir ganhar a vida, mas se, por acaso, o fizesse por gosto por certo isso significaria que era uma mãe desnaturalizada, e neste caso como numa oficina em escritório.

Se em qualquer ramo de actividade a mulher fizer concorrência ao homem, é este quanto a nós o principal responsável, visto que por um lado é a sua subversividade o patronato que gera a miséria no lar, e portanto, para não morrerem de fome, e por outro lado é o facto de não estreitar com a mulher-lhe de solidariedade, afim de, com a força da sua união, impor aos patrões condições mais favoráveis de trabalho para ambos que determina a preferência do trabalho feminino.

Neste assunto com o que estamos em desacordo é com a educação incompleta que ultimamente se tem dado a grande número de raparigas.

Não as preparamo os pais para tomar conta dum casal, mas limitando-se unicamente a ensinar-lhes qualquer arte ou ofício, sucede que, quando se vêem obrigadas pelo casamento ou pelo nascimento de filhos aos trabalhos domésticos, são incapazes de se desempenhar cabalmente da sua missão e tornam-se por isso a causa das desgraças dos seus próprios filhos.

Por isso entendemos que à mulher deve ser dada uma educação tal que ela possa ser uma boa operária manual e intelectual, mas também uma boa mãe e esposa. Mas depois de assim educada somos

AGREMIAÇÕES VARIAS

Liga da Ação Educativa — (Secção da Moita) — Reúne em assembleia geral no dia 3 de Abril, pelas 14 horas, na escola do sexo masculino, para eleição dos novos corpos gerentes e nomeação da comissão da "Semana da Criança".

Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais — A assembleia geral, ontem reunida, resolveu passar o diploma aos sócios efectivos, auxiliares, subscriptores e beneméritos. Foi aprovada uma proposta do teor seguinte: 1.º constituir um anexo à Caixa de Solidariedade, que tenha por fim a cotização, por uma só vez, entre associados, e por morte de qualquer deles, para subsídio à pessoa ou pessoas que vivam do seu esforço; 2.º quando o sócio tenha mais de um filho, a Caixa diligenciará a sua colocação numa casa de beneficência do Estado ou particular; 3.º a cotização far-seá há inicialmente em triplicado e repetir-seá sempre que faleça um associado; 4.º far-seá há um ámpulo de subsídio às entidades oficiais (chefe do distrito, Instituto de Seguros Sociais, etc.), e bem assim a particulares para se inscreverem como sócios beneméritos, a fim de criar fundos para a nôvel instituição; 5.º a Caixa de Solidariedade contribuirá desde já com 500 escudos para a nôvel instituição; 6.º a nova instituição denominar-se-há "O Porvir"; 7.º a inscrição de sócios efectivos é restrita aos sócios da Caixa de Solidariedade.

António da Silva propôs que a cota para "O Porvir" fosse de 5000 por associado e Alfredo Marques Pereira propôs que o sócio que faleça a três sessões seguidas sem motivo justificado fosse punido com a multa de 2500, que reverteria para a Caixa. Foi aprovado que a assembleia mantivesse em silêncio por dois minutos como manifestação de pezar pelo aniversário da morte do jornalista sr. Mário Graça. Foi aprovado sócio honorário o sr. Abel Moutinho, cujo nome foi dado à biblioteca da associação, sendo destes factos dado condecoração ao homenageado.

O Porvir — A assembleia geral, que se realizou ontem, na sua residência, trazendo os Ferreiros, a Belém, Maria da Conceição dos Reis, esposa de Frederico dos Reis, aparelhador das obras da Câmara Municipal; antigo militante operário na indústria da construção civil e sócio fundador do Grupo Dramático de Belém. A assembleia era muito estimada pelas suas qualidades de carácter. O funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Hernani Martins Candido

Após prolongado sofrimento faleceu ontem Hernani Martins Candido, operário tipógrafo, que exerceu a sua actividade em diversos jornais. Deixa viuva D. Hernânia Marques Candido e quatro filhos menores. O funeral realiza-se hoje, às 15 horas, da travessa do Pasteleiro, 28, 3.º, para o cemitério da Ajuda.

Carlos Ferreira da Almeida

Vítima da tuberculose faleceu ontem o sr. Carlos Ferreira de Almeida, impressor reformado da tipografia dos Caminhos de Ferro do Estado, operário muito estimado na sua classe e por todos que com ele privavam.

O seu funeral realiza-se hoje, às 14 horas, saindo da rua da Atalaia, 129, 1.º, para o Cemitério Oriental.

De opinião que se lhe deve reconhecer interior liberdade para orientar a sua vida conforme mais lhe agrada.

Aura LOPES

Uai ser criado o Conselho de Economia Nacional que será composto de 60 membros

Vai ser publicado no *Diário do Governo* um decreto criando o Conselho Superior de Economia Nacional que será composto de 60 membros. Este novo organismo será presidido pelo chefe do governo e terá por vice-presidentes, natos os ministros das finanças, dos estrangeiros, da marinha, das colónias, da agricultura e do comércio.

Os restantes membros representarão vários Conselhos Superiores como os de Agricultura, Caminhos de Ferro, Colônias, Comércio Externo, Indústria, Marinha Mercante, Técnico, Admíneiro, Bancário, Minas, Superior de Finanças, Estatística, Geológico, Obras Públicas, etc., e ainda as Comissões de Pescarias, Estradas, Vitiicultura, Correios e Telégrafos, porto de Lisboa, Hidráulica, Transportes nacionais marítimos, empresas concessionárias, associações agrárias, industriais agrícolas, comerciais, sindicatos, das três principais cidades do país.

E o Conselho tem lugar ainda o Banco de Portugal, Banco de Angola, Ultramarino, Caixa Geral de Depósitos, Sociedade de Geografia, Institutos Superiores de Comércio e Técnico, interesses económicos dos Açores e Madeira e 3 vogais de escrivães.

«Para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Língua alguma estatística que acusa na metrópole em 1926, 526 cartas de chauffeurs profissionais das mesmas, pois eu posso garantir-lhe que em Angola esse número é excedido em 3 ou 4 meses o máximo.

— «E para você ver o que é a praga de caras repare no seguinte: Lí

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores, de todas as provéncias.

Telefone — 539, Trindade

Escritório:
Galvão da Gomera, 38-A, 2.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO GARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narvaez — 10 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 10 horas.
Olhos, viva visão — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Pé e joelhos — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças desportivas — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Gengiva, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 51.
Doenças das membranas — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.
Ecos e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Canto e rádio — Dr. Cabral de Melo — 11 horas.
Raio X — Dr. Alen Sádanna — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriele Beato — 4 horas.

Miguel Fraga

Vende ouro, prata e objetos com brilhantes por baixo preço
Grande sortimento de monogramas de ouro e prata para carteiras

Rua da Palma, 26-28

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, vias e pedras, a preços resumidos
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

FABRICA
cadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 100.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arckino. Preço 150.LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 48 desta novela intitulada *Martirio*, de Federico Montseny. Preço, 50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», nos 27 — Lisboa.

dos Poiares de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

A Batalha, 27 — Lisboa.

A BATALHA

A imprensa é a voz do mundo. Onde há luz, ali reside a imprensa. Quem reprime o pensamento, atenta contra o homem. Falar, escrever, imprimir, são círculos sucessivos à inteligência activa; são essas as ondas sonoras do pensamento.—VÍTOR HUGO.

OS GRANDES INICIATIVAS

O Instituto de Histologia e Embriologia

Uma larga e elogiosa exposição, feita por pessoa autorizada, atesta da falta de condições e recursos de um notável estabelecimento científico

A-pesar de já ter sido registada com louvor, nestas colunas, a exposição que o professor Geraldino Brites realizou numa das dependências do Instituto de Ensino onde é um dos professores mais categorizados, pelo que sabe e produz, parecem-nos que um tal facto pede mais que a notícia vulgar e por isso resolvemos visitar o ilustre catedrático no seu laboratório onde, com o seu assistente, dr. Oliveira Reis, trabalha dia e noite.

É lícito fomos. Por sinal que, ao deparar-se-nos o edifício onde funciona o seu Instituto, em obras de luxuosa vedação, julgámos ter encontrado elementos para atenuar o pessimismo do ilustre professor. Pois que: tão larga e alta e bem aparelhada cantaria, com gradeamento de uma solidez faraônica, serão indícios de pobreza e de abandono?

Entrámos. O professor estava, como de costume, no seu laboratório, recebendo-nos com aquela naturalidade e modestia que distingue o verdadeiro sábio do charlatão que a propósito de tudo e de nada expande a sua esplêndida verborrea.

A falta de comodidade, de material e de mobiliário

A conversa inicia-se pela nossa extrañeza vendo entre algum material moderno, outra que denota longo uso.

Soubemos então que aquele laboratório tem já longos anos de vida, sendo mesmo o primeiro que se fundou em Portugal, funcionando desde 1863, com o nome de Instituto de Histologia e Fisiologia Geral. A ele ficou ligado o nome do dr. Costa Simões, que foi o seu primeiro director. É um dos mais antigos da Europa. O de Paris fundara-se um ano antes. Quanto aos seus similares de Lisboa e Pórtico, esses têm uma vida curta, visto que iniciaram os seus trabalhos apenas em 1910.

Mas isto, excluâmos, é um laboratório venerando! Razão tiveram, pois, em cercar com tão luxuosa vedação.

— Sim? Pois então veja como cá dentro se trata e considera essa venerabilidade.

O nosso entusiasmo esfriou logo que o prof. Geraldino Brites começou a desfilar o rosário das suas deficiências, mostrando claramente o abandono a que o estado votaria, desde há muito, tão essencial instrumento de cultura.

As suas considerações levaram-nos, desde logo, a observar os tectos e as paredes do compartimento onde nos encontrávamos. Na verdade aqueles estuques desfazem-se, aquelas paredes listradas... Pelos vestígios que ficaram, verifica-se que lá de cima se escoam, sobre o mobiliário e aparelhamento, águas de lavagens ou qualquer outro líquido pouco limpo.

As paredes apresentam, algumas pontas, grande manchas, que são indícios claros de graves infiltrações. São, evidentemente, provenientes da rotura dos canos que transportam águas ou dejectos da clínica obstétrica, que funciona no pavimento superior.

Um instituto científico iluminado a petróleo...

Lançando a vista sobre o mobiliário que nos cerca, tão pobre como primitivo, deparamo-nos com um candiote de petróleo—o candiote a que trabalha o professor.

Sabímos já que não havia instalação elétrica e por isso nos limitámos a confirmar a falta, com a agravação de se dar numa cidadela onde qualquer pessoa remediada goza desse melhoria.

A nossas considerações o professor encolhe os ombros, lembrando, de seguida, os graves inconvenientes que advêm ao ensino por falta de iluminação conveniente. As grandes ampliações microscópicas, sobretudo, não se podem realizar por falta de foco luminoso, que só com a electricidade se consegue. A iluminação diurna, essa mesma, não é a que devia ser, por quanto o excesso de luz que a banha de si, desiste, prejudica grandemente os trabalhos de microscopia.

Ainda se os estores fossem bons e pudessem modificar a luz, observámos, mas se ali estes são a pedir reforma...

— Veja, nesse caso, o restante mobiliário.

De facto, pelo aspecto das tintas e uso dos batentes se reconhece nitidamente que ali não aparece, há muito, a brocha do pintor.

As mesas, os armários, as cadeiras, ou são improvisadas ou obra de farranca, lembrando vagamente as instalações académicas de certas repúblicas da Alta. A justificar esta comparação, lá vimos tamos de mesas encaixados em vãos de parede, armários de feitos e tamanhos impróprios, secretárias partidas ou coxas, etc. Para que nada fale ao quadro, até lá se admira um armário no vao de uma porta, feito com portas de microscopia.

— Ainda se os estores fossem bons e pudessem modificar a luz, observámos, mas se ali estes são a pedir reforma...

— Veja, nesse caso, o restante mobiliário.

De facto, pelo aspecto das tintas e uso dos batentes se reconhece nitidamente que ali não aparece, há muito, a brocha do pintor.

As mesas, os armários, as cadeiras, ou são improvisadas ou obra de farranca, lembrando vagamente as instalações académicas de certas repúblicas da Alta. A justificar esta comparação, lá vimos tamos de mesas encaixados em vãos de parede, armários de feitos e tamanhos impróprios, secretárias partidas ou coxas, etc. Para que nada fale ao quadro, até lá se admira um armário no vao de uma porta, feito com portas de microscopia.

A sala das aulas práticas, que serve ao mesmo tempo de museu, impressiona melhor. Sabendo, porém, que é destinada a 25 alunos que ali são obrigados a permanecer três horas seguidas, desistimos do nosso optimismo.

A frequência é vasta, não se justificando o desprezo oficial

Inquirindo então da frequência que tinha aquela cadeira, foi-nos dito que o curso actual se compõe de 100 alunos, devendo em breve ser aumentado com mais 50. Estes 150 rapazes devem ter, cada um e por semana, uma aula prática, o que obriga a acumular ali, naquele recinto, 25 pelo menos, quando 15 já seriam de mais.

A propósito do material pedagógico e do ensino da Histologia, o dr. Geraldino Brites fez-nos salientar as tristes circunstâncias em que tal ensino é feito.

Havendo, como já acenutámos, 150 alunos, o professor dispõe apenas de 25 microscópios e a maior parte de tipo antigo. E se têm este ano 25, foi porque se compraram 10 no último ano, pois, que até ali só dispunham de 15, modelo antigo e ainda por cima deteriorado.

Destes, alguns têm 41 anos, estando os 15 uns dias.

restantes já sobrecarregados com 25 e 32 anos de trabalho e em que condições!

— Diga-me: quantos é que seriam precisos para o bom funcionamento do seu curso?

— Pelo menos 50, mas excluindo estes 15, que para pouco servem já.

Falando-se ainda do ensino prático da sua cadeira, o dr. Geraldino Brites lamentou-se, uma vez mais, pelo facto de não ter conseguido, até hoje, uma casa em condições, que em seguida possa garantir com material adequado.

— Imagine que estou fazendo aqui o ensino da Embriologia tal como se fazia há 50 anos!

— A razão disso...

— Reside únicamente na falta de recursos, que não permitem a compra, alimentação e alojamento de animais de que se colhem as séries de embriões.

— Mas as dotações orçamentais, inquirimos, a que são destinadas?

— Têm sido sempre deficientíssimas. Com os últimos 20 contos que nos concedeu o Reitor H. de Vilhena, comprámos algum material mais urgente, livros, microscópios, até, mas o que faltou é muito mesmo ainda, e de mesmo modo indispensável para um trabalho metódico e profícuo. Eu bem peço e torno a pedir. Mas é inútil. Ainda se eu pedisse para fazer instalações de luxo, com poltronas, espelhos, tapetes, marmores, etc, compreendiam-se essas recusas orçamentais.

— Mas não: eu peço apenas o estritamente necessário para o ensino que, por todos os modos, procuro beneficiar.

Uma biblioteca, um museu e um laboratório, à custa de exaustivos sacrifícios

Demoramo-nos ainda alguns momentos junto da biblioteca, pobre em numero mas valiosa em espécies. Soubemos também que para se conseguir esse outro instrumento de trabalho, de capital importância para as investigações científicas, foi necessário recorrer a todos os expedientes honestos, a que não faltou o recurso das permutas, que a revista do Instituto, *Folia Anatomica*, lhe tem acarretado.

Uma pergunta sobre a prática dos alunos levou-nos de novo ao Museu, que verificamos ser precioso, não só pela coleção de aparelhos antigos, como ainda e sobretudo pela valiosíssima coleção de moulages de anomalias congénitas e anomalias do coração, as quais, pelas séries que contém e pelo seu número, deve ser, na opinião do professor, único no mundo!

Mais de 380 peças constituem esse Museu, não contando para além de 800 que, por falta de recursos, não estão ainda devidamente montadas.

— Mas, o que pensam os reitores e diretores da facultade, quando visitam estas instalações?

O dr. Geraldino, nesta altura, teve um sorriso amargo, que traduzimos nestas palavras: «A maior parte dos professores da Faculdade de Medicina ignoram o que seja o Instituto de Histologia e Embriologia, e portanto a sua instalação e actividade, visto que nem por satisfação.

As suas considerações levaram-nos, de seguida, a observar os tectos e as paredes do compartimento onde nos encontrávamos. Na verdade aqueles estuques desfazem-se, aquelas paredes listradas... Pelos vestígios que ficaram, verifica-se que lá de cima se escoam, sobre o mobiliário e aparelhamento, águas de lavagens ou qualquer outro líquido pouco limpo.

As paredes apresentam, algumas pontas, grande manchas, que são indícios claros de graves infiltrações. São, evidentemente, provenientes da rotura dos canos que transportam águas ou dejectos da clínica obstétrica, que funciona no pavimento superior.

Um instituto científico iluminado a petróleo...

Lançando a vista sobre o mobiliário que nos cerca, tão pobre como primitivo, deparamo-nos com um candiote de petróleo—o candiote a que trabalha o professor.

Sabímos já que não havia instalação elétrica e por isso nos limitámos a confirmar a falta, com a agravação de se dar numa cidadela onde qualquer pessoa remediada goza desse melhoria.

A nossas considerações o professor encolhe os ombros, lembrando, de seguida, os graves inconvenientes que advêm ao ensino por falta de iluminação conveniente.

As grandes ampliações microscópicas, sobretudo, não se podem realizar por falta de foco luminoso, que só com a electricidade se consegue. A iluminação diurna, essa mesma, não é a que devia ser, por quanto o excesso de luz que a banha de si, desiste, prejudica grandemente os trabalhos de microscopia.

Ainda se os estores fossem bons e pudessem modificar a luz, observámos, mas se ali estes são a pedir reforma...

— Veja, nesse caso, o restante mobiliário.

De facto, pelo aspecto das tintas e uso dos batentes se reconhece nitidamente que ali não aparece, há muito, a brocha do pintor.

As mesas, os armários, as cadeiras, ou são improvisadas ou obra de farranca, lembrando vagamente as instalações académicas de certas repúblicas da Alta. A justificar esta comparação, lá vimos tamos de mesas encaixados em vãos de parede, armários de feitos e tamanhos impróprios, secretárias partidas ou coxas, etc. Para que nada fale ao quadro, até lá se admira um armário no vao de uma porta, feito com portas de microscopia.

— Ainda se os estores fossem bons e pudessem modificar a luz, observámos, mas se ali estes são a pedir reforma...

— Veja, nesse caso, o restante mobiliário.

De facto, pelo aspecto das tintas e uso dos batentes se reconhece nitidamente que ali não aparece, há muito, a brocha do pintor.

As mesas, os armários, as cadeiras, ou são improvisadas ou obra de farranca, lembrando vagamente as instalações académicas de certas repúblicas da Alta. A justificar esta comparação, lá vimos tamos de mesas encaixados em vãos de parede, armários de feitos e tamanhos impróprios, secretárias partidas ou coxas, etc. Para que nada fale ao quadro, até lá se admira um armário no vao de uma porta, feito com portas de microscopia.

A sala das aulas práticas, que serve ao mesmo tempo de museu, impressiona melhor. Sabendo, porém, que é destinada a 25 alunos que ali são obrigados a permanecer três horas seguidas, desistimos do nosso optimismo.

A frequência é vasta, não se justificando o desprezo oficial

Inquirindo então da frequência que tinha aquela cadeira, foi-nos dito que o curso actual se compõe de 100 alunos, devendo em breve ser aumentado com mais 50. Estes 150 rapazes devem ter, cada um e por semana, uma aula prática, o que obriga a acumular ali, naquele recinto, 25 pelo menos, quando 15 já seriam de mais.

A propósito do material pedagógico e do ensino da Histologia, o dr. Geraldino Brites fez-nos salientar as tristes circunstâncias em que tal ensino é feito.

Havendo, como já acenutámos, 150 alunos, o professor dispõe apenas de 25 microscópios e a maior parte de tipo antigo.

E se têm este ano 25, foi porque se compraram 10 no último ano, pois, que até ali só dispunham de 15, modelo antigo e ainda por cima deteriorado.

Destes, alguns têm 41 anos, estando os 15 uns dias.

AURORA!

Comunicamos o grupo editor da *Aurora*! quinzenário anarquista e órgão da Federação da Região do Sul, que em virtude da resolução da U. S. O. de Setúbal, proprietária das oficinas gráficas onde era composta e impressa a *Aurora*! não pode, como era desejo daquele grupo, publicar-se imediatamente este quinzenário, pelo que previne os seus assinantes e amigos que o n.º 2 só poderá sair dentro de al-

EM TERRAS DA CHINA

O apogeu da civilização ocidental...

Relatos oficiais dos acontecimentos ocorridos em Xangai e em Nanquim

Paris, Março. — O que impressiona mais o estrangeiro que chega a Xangai são os grandes contrastes que aí se observam. Na estação, no porto, nas ruas, nos alberques, por toda a parte, ouvem-se os gemidos dos «colis» (raça aborigena chinesa), por toda a parte se vêem turmas de escravos curvados sob pesos enormes ou a puxar carroças de carga. Pois que ali não há cavalos: os «colis» custam menos que os animais de carga. Os gemidos destes centenas de milhares de escravos unem-se aos sons do tam-tam e dos tambores e dêses ruídos confusos eleva-se uma eterna prece aos deuses implacáveis, de formas monstruosas que estão em pé ao fundo dos templos e sorriem maliciosamente por detrás das suas longas barbas feitas de crina de cavalo.

Xangai desenvolve-se, pois, cada vez mais, e paralelamente a este progresso industrial, aumenta também o número de «colis», dos escravos modernos.

Mas como se produz este aumento de trabalho, tão aproveitável para os capitalistas? Dónde vêm estas massas de «colis»? Dos campos, de onde, escorregados pela fome, marcham para a cidade. E chegam a ela sóbrigados a submeter-se a qualquer coisa.

Todos estes factos estão provados por testemunhas de vista.

O relatório frisa que os estrangeiros não sofreram o mínimo ultraje da parte das tropas nortistas e que os habitantes da cidade se limitaram a assisti-los, facilitando até o salvamento dos estrangeiros.

O saque e a destruição feita foram muito piores do que ao princípio se supôs, tendo sido os ataques cuidadosamente organizados.

O cónsul geral britânico constituiu o primordial objectivo, sendo roubado, bem como os membros do consulado, tendo sempre sobre elas apontadas as espadas dos soldados cantonenses, as casas foram incendiadas depois de saqueadas, sendo os móveis utilizados para lhes lançar fogo. O sr. Hubert, director do porto, foi assassinado.

Relativamente aos maus tratos sofridos pelos americanos, o relatório diz que depois do assassinato do missionário americano e da tentativa de muitos outros pelos soldados sudistas, a polícia chinesa de Xangai não podia viver. Contudo, embora com duas colheitas por ano, o camponês chinês não pode viver.

Todos os anos, ora uma província, ora outra, milhões de camponeses morrem de fome; e outros milhões de jovens deixam a terra, que não pode alimentá-los, aí fluem as grandes indústrias, e aumentam o número dos desocupados.

Sempre atormentados pela fome, são mais infelizes do que os animais domésticos. Os beatos ingleses não deixaram de fundar em Xangai uma «Sociedade Protetora de Animais»—ideia louvável; mas como fazer respeitar os animais, se não são os homens, se os «colis» que fizeram todos estes palácios, estas vilas, estas armazéns luxuosos, estas fábricas, são piores do que os animais?

As queixas de lhes fazem nas casernas da polícia? Pode-se facilmente imaginá-lo a fogo de que são tomados estes portugueses e fuzilados.

Nas vitrines das joalharias, a algumas centímetros dos passageiros, estão expostas joias que custam muitos milhares de dólares. Tem-se importado para aqui o luxo mais refinado da Europa e da América, que nos países de origem não encontram venda por causa das crises. E diante destas vit